

editorial

editorial

entrevista

interview

artigos submetidos

submitted papers

tapete

carpet

artigo nomads

nomads paper

projeto

project

expediente

credits

próxima vírus

next vírus

V!17

issn 2175-974x | ano 2018 year

semestre 02 semester



vivências coletivas
sobre a vida de adolescentes
no morro capixaba
collective experiences on the life of
adolescents in morro capixaba

ana paula lyra,
angelina noronha,
raquel mesquita

Como citar este texto: LYRA, A. P. R.; NORONHA, A. A.; MESQUITA, R. C. Vivências coletivas sobre a vida de Morro Capixaba. V!RUS, São Carlos, n. 17, 2018. [online]. Acesso: dd/mm/aaaa.

ARTIGO SUBMETIDO EM 28 DE AGOSTO DE 2018

Ana Paula Rabello Lyra é arquiteta, Doutora em Cidade, Segurança e Saúde. Professora do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Vila Velha. Líder do Grupo de Pesquisa Dignidade Urbana e colaboradora do Grupo de Pesquisa Paisagem Urbana e Inclusão. Estuda Planejamento e Projeto de Espaços Livres de Uso Público, Aspectos Físico-Ambientais e Sociais do Planejamento Urbano e Regional, Vitalidade e Dignidade Urbana.

Angelina Altoé Noronha é cientista social, Mestre em Segurança Pública. Estuda vulnerabilidade espacial de adolescentes em situação de risco social.

Raquel Corrêa Mesquita é arquiteta. Pesquisadora da Universidade Vila Velha. Integrante dos grupos de pesquisa "Dignidade Urbana" e "Paisagem Urbana e Inclusão", da Universidade Vila Velha. Estuda segurança através do desenho urbano das cidades.

Resumo

Este artigo apresenta processos coletivos adotados para buscar informações sobre aspecto vida de adolescentes de um lugar, cuja população excede a capacidade da gestão local de inclusão e à propriedade estabelecido pelo Estatuto da Cidade. A desigualdade social comunidade situada nos morros capixabas contrasta com bairros do entorno e reflete situacional onde o medo e a vulnerabilidade aflige os mais frágeis. Nesse contexto, onde os r contra a vida são crescentes, estão os adolescentes, postos em evidência pelos controve relação à maioria penal que sofrem e que se reinventam diante das condições de seu c compreender como esses adolescentes vivem e se relacionam dentro desse cenário, u estratégia oficinas desenvolvidas em parceria com professores e pedagogos de suas escolas constroem uma visão sobre a realidade desse cotidiano e refletem sobre seus significa complementado pelo contato direto com a área de estudos, confirmou a existência vulnerabilidade física e social. Não obstante, o cotidiano dos adolescentes apresenta apar limitado às regras locais, de conhecimento comum daqueles que residem nas comunidades.

1 Introdução

O cenário de violência e medo que tem abalado a população de forma mais evidente nas regiões metropolitanas brasileiras tem sido uma das principais preocupações de gestores públicos e pesquisadores. Recentemente, o adolescente foi posto em evidência ao ocupar um espaço na mídia nacional com o controverso tema da maioridade penal. O debate foi motivado pelo número crescente de adolescentes em conflito com a lei. Existem os que defendem uma punição que os enquadre como criminosos passíveis de ir para a cadeia comum e os que defendem o investimento de ações preventivas, sob responsabilidade do Estado e dos Municípios.

Na realidade, o que sobressai dessa discussão, no momento, é a necessidade de haver reflexões conjuntas entre Estado e sociedade, na busca de soluções que identifiquem a origem desse problema e promovam a inclusão social desses jovens, que refletem as consequências das desigualdades socioeconômicas (ABRAMOVAY et al., 2002).

Segundo o art. 37 do Estatuto da Juventude, instituído pela Lei n. 12.852/13, todos os jovens têm direito de viver em um ambiente seguro, sem violência, com garantia da sua incolumidade física e mental, sendo-lhes assegurada a igualdade de oportunidades e facilidades para seu aperfeiçoamento intelectual, cultural e social (BRASIL, 2013). Entretanto o número de adolescentes envolvidos em crimes aponta uma incoerência com o texto da Lei, pois há uma grande concentração deles vivendo em situação de vulnerabilidade social nos aglomerados subnormais das cidades. São áreas cada vez mais extensas. Na ausência de oportunidades e de acesso digno às funções sociais da cidade (moradia, trabalho, lazer e mobilidade), esses jovens tornam-se vulneráveis à violência urbana.

No município de Vitória/ES, onde está localizada a comunidade de Gurigica, área de interesse deste estudo, o mapa de maior concentração dos crimes violentos contra a pessoa indicou, em 2008, que aproximadamente 54% das ações delituosas ocorreram em áreas que apresentam características de aglomerados subnormais da capital, enquanto os bairros vizinhos, que possuem maior renda, registraram um aumento nas ocorrências de crimes contra o patrimônio. Onde o lado formal passa a ignorar a existência da área adjacente, reforçada pelos instrumentos urbanísticos que definem áreas periféricas para a porção de baixa renda do município, essa dualidade gera um processo de retroalimentação da exclusão social (LIRA, 2014).

Essa realidade tem reforçado os problemas de segurança no cenário urbano das cidades metropolitanas, cuja expansão reproduz um modelo de ocupação que favorece a segregação socioespacial. Tal crescimento, associado à fragilidade das atuais políticas públicas, tem gerado conflitos sociais que, por sua vez, contribuem para o aumento da criminalidade e da delinquência social. Essa situação vem expondo as faixas etárias mais frágeis da sociedade a uma realidade carente de valores, de respeito e de dignidade e ao medo derivado, caracterizado pelo sentimento de estar suscetível ao perigo, seguido de uma sensação de insegurança e de vulnerabilidade (BAUMAN, 2009).

A população mais frágil e vulnerável destacada nesse contexto são as crianças e os adolescentes que crescem expostos a uma realidade excludente, segregada e desprovida de equipamentos, infraestrutura e segurança urbana. Essa situação sugere uma demanda por pesquisas que procurem identificar como eles sobrevivem a tal cenário de vulnerabilidade social. O presente estudo concentrou-se na investigação sobre a realidade social e física da comunidade em que residem esses adolescentes, a partir da análise de seu cotidiano, construída através de oficinas participativas e colaborativas. Os referidos adolescentes são moradores do morro de Gurigica, aglomerado subnormal localizado na região central da ilha capixaba.

A oficina proposta atua como forma de construir coletivamente, através da colaboração dos adolescentes, o conhecimento de sua realidade enquanto moradores das referidas áreas de contexto urbano e social vulnerável. Este estudo adota a premissa de que os adolescentes fazem parte da constituição dessa comunidade e que esta, por sua vez, influencia no desenvolvimento social de seu morador. O envolvimento dos pesquisadores das áreas de arquitetura e urbanismo, direito e ciências sociais, neste processo participativo e colaborativo, auxilia na (des)construção do saber acadêmico sobre o cotidiano dos moradores de aglomerados subnormais e no entendimento de realidades antes desconhecidas, fato que só se torna possível com a construção coletiva entre academia e comunidade.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do ponto de vista da abordagem do problema sobre o tema do adolescente em situação de vulnerabilidade social, por considerar a interpretação do autor na avaliação do fenômeno investigado. Considera a exclusão social e o medo nas cidades como variáveis na descrição das características percebidas por esses adolescentes. Para o estudo sobre o cotidiano dos adolescentes optou-se, como estratégia, a realização de oficinas integradas às atividades de quatro professoras de duas instituições de ensino públicas, localizadas na região que engloba o bairro de Gurigica. Foram desenvolvidas reuniões preliminares de planejamento entre a equipe de pesquisa e as professoras das escolas selecionadas para detalhamento das etapas, ficando definida a necessidade de realização de três oficinas, cada uma compondo uma média de três encontros, realizados em um período de um ano com alunos das sétimas e oitavas séries, entre 12 e 17 anos de idade, totalizando 84 adolescentes.

A primeira oficina teve como objetivo específico identificar o domicílio de origem, percursos diários, primeiras impressões e realidades do cotidiano dos alunos participantes. A atividade proposta foi o desenvolvimento de mapas mentais e colagens que expressassem uma semana da vida dos participantes. Como forma de auxílio, algumas perguntas-estímulo foram feitas para orientar no desenvolvimento das tarefas propostas e incluíam o número de horas

em que ficavam em casa e na escola, a descrição das atividades que faziam quando não estavam em casa e na escola, o acesso a alguma área de lazer e o local onde costumavam ir para se divertir.

A segunda oficina procurou identificar e compreender como os alunos caracterizam o bairro em que vivem, a partir da construção de mosaicos subjetivos, o que contou com a participação das professoras de artes e informática da Escola Paes Barreto, em Vitória. Para essa atividade foi proposto aos alunos que completassem em slides algumas frases iniciais que seriam associadas a imagens e a pinturas.

A terceira oficina consistiu no mapa falante e foi realizada com alunos do Grêmio Estudantil, previamente identificados a partir dos encontros anteriores, por iniciativa e interesse deles em contribuir com a pesquisa. A proposta dessa oficina surgiu a partir dos resultados das anteriores, com o intuito de conhecer e tentar compreender a visão dos adolescentes acerca da relação deles com o bairro em que moram, e identificar de que forma eles percebem e vivenciam os espaços e o ambiente em que vivem.

Ainda do ponto de vista dos procedimentos técnicos, destaca-se o levantamento de campo feito como proposta para a análise subjetiva da área de estudos, essencial para a compreensão e para a visão sistêmica do cenário descrito pelos alunos durante as oficinas. Destaca-se que a opção por trabalhar com os adolescentes nas escolas foi a estratégia adotada que permitiu a reunião e o acompanhamento dos mesmos grupos de alunos em um ambiente imparcial, acolhidos pelos próprios professores que os acompanham no dia a dia. Foi essencial, nesse contexto, o aspecto do cotidiano vivido e dos saberes/fazer dos adolescentes, atores foco desta pesquisa, com suas criações e invenções que se dão a cada dia em suas comunidades, na escola e na sala de aula, pois essa experiência só é possível de ser entendida se for vivenciada, participada e partilhada com os sujeitos que vivem e fazem esse cotidiano acontecer (FERRAÇO, 2001).

2 O cenário do medo na caracterização da vulnerabilidade social

Como conjunção dos problemas sociais nas grandes cidades, a violência e o crime vêm sendo o grande alvo apontado pela população como um dos principais fatores responsáveis pela ruptura da qualidade de vida no ambiente urbano. Nesse contexto, a violência e a criminalidade acabam se integrando a outras questões dissipadoras da sociedade, como o desemprego, a desigualdade e a marginalização social. Esses fatores se intensificaram nas últimas décadas devido às mudanças estruturais que atingem os espaços sociais e que formam as cidades, modificando as dinâmicas e o modo como se configuram as relações sociais no seu interior.

O processo de segregação e de exclusão urbana que resulta desse cenário traz consequências para as camadas mais frágeis da sociedade, como os adolescentes que crescem nessas áreas marginais e periféricas da cidade formal, geralmente caracterizadas como aglomerados subnormais. São áreas desprovidas de infraestrutura, de serviços de saúde, de educação de qualidade, e de espaços públicos para socialização.

Um dos grupos mais vulneráveis à violência, seja como agressor, seja como vítima, são os jovens e adolescentes. No Brasil, o homicídio é a principal causa de mortes de jovens entre 15 e 25 anos (VIEGAS-PEREIRA, 2000). Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância, a primeira década dessa fase da vida, que abrange os adolescentes, é fundamental e crucial para a construção de seu desenvolvimento (UNICEF, 2011).

De acordo com Abramovay *et al*, a situação de vulnerabilidade dos adolescentes está intimamente ligada à violência. O autor afirma que

[...] a violência tem sido concebida como um fenômeno multifacetado, que não somente atinge a integridade física, mas também as integridades psíquicas, emocionais e simbólicas de indivíduos ou grupos nas diversas esferas sociais, seja no espaço público, sejam privadas (ABRAMOVAY *et al.*, 2002, p. 2).

O Brasil possui 25 milhões de adolescentes na faixa de 12 a 18 anos, o que representa, aproximadamente, 15% da população. É um país repleto de contradições e marcado por uma intensa desigualdade social, tendo em vista que 1% da população rica detém 13,5% da renda nacional, contra os 50% mais pobres, que detêm 14,4% (IBGE, 2010). Essa desigualdade, constatada nos indicadores sociais e materializada no tecido urbano, traz consequências diretas nas condições de vida da população infantojuvenil brasileira (CHIMIN JUNIOR, 2009).

Essa desigualdade foi constatada durante visita de reconhecimento à comunidade de Gurigica, quando foi possível identificar a realidade dos adolescentes que moram na região. O medo, descrito por Bauman (2009) como aquele proveniente da incerteza do desconhecido, foi vivenciado em visita ao local e intensificado pela sensação de vulnerabilidade, incentivada pelas ocorrências de crimes destacados pela mídia atual.

No início, o que ressaltava aos olhos era o lixo, a confusão na disposição das edificações e vias onde não se percebia início e fim, o desconhecido, e a tipologia das construções sem acabamentos e com aparente característica de improvisado. É aí que o medo toma conta pela sensação de insegurança que a morfologia do lugar emana. Medo que se dissolve e ameniza após o contato dos pesquisadores com as pessoas, com as crianças brincando no improvisado do não lugar, com os projetos existentes no bairro e ao se relacionarem com este, percebendo que essa realidade se trata de um dia comum no cotidiano daquela comunidade repleta de crianças, jovens e adolescentes, ou seja, uma comunidade repleta de vidas.

Não obstante a insegurança passageira, o retrato real da comunidade revelava uma série de contrastes e riscos, seja pela situação física de encostas frágeis e de falta de infraestrutura e de saneamento de algumas edificações, seja pela

paisagem frustrada e caótica das aglomerações, que fazia pensar em como seria ter que conviver diretamente com aquele cenário. São crianças que saltam de uma pedra a outra sem proteção, são casas situadas ao lado de lixo acumulado; são fiações expostas, são desníveis derrapantes e sem proteção lateral, entre outras situações. A Figura 1 ilustra cenas do cotidiano das crianças e adolescentes que vivenciam diariamente essa situação.



Fig. 1: Realidade do bairro Gurigica, identificada através de visita de campo. Fonte: Acervo da Pesquisa, 2016.

Essa realidade contrasta internamente com as ocupações mais baixas do morro, situadas ao longo das vias por onde passa o transporte público e também com as imagens privilegiadas do entorno, que podem ser apreciadas a partir de um mirante construído no bairro. Nas áreas mais baixas, as construções são mais estáveis e acabadas, com revestimentos e apresentam usos mais variados, com atividades comerciais e de serviços.

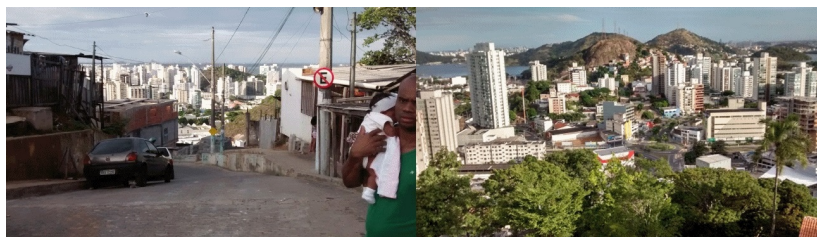


Fig. 2: Visuais para os bairros do entorno da comunidade de Gurigica a partir do mirante construído no bairro. Fonte: Acervo da Pesquisa, 2016.

A situação de vulnerabilidade social desses adolescentes, associada à reprodução intensa da fragmentação socioespacial do tecido urbano capixaba, com a expansão de lugares excluídos, contradiz com o discurso de inclusão difundido pelo Estatuto da Cidade (BRASIL, 2001, art. 1º) e serve de alerta para a sustentabilidade de nossa cidade e para o futuro desses adolescentes. O mesmo Estatuto deveria estabelecer “[...] normas de ordem pública e interesse social que regulassem o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos [...]”, ao regulamentar os artigos 182 e 183 da Constituição Federal.

3 Oficinas participativas com adolescentes da comunidade de Gurigica

Toda oficina contou com a participação de, no mínimo, um professor da escola e de um professor pesquisador da Universidade de Vila Velha, responsável pelo grupo de pesquisa com formação em Arquitetura e Urbanismo. Além disso, como equipe de apoio, o grupo contou com duas alunas do mestrado profissional em Segurança Pública da Universidade de Vila Velha e seis bolsistas de Iniciação Científica do curso de Arquitetura e Urbanismo. Toda a equipe da instituição que promoveu a oficina era composta por pessoas do sexo feminino, residentes em bairros formais do município de Vila Velha, e com idades entre 21 e 58 anos.

3.1 Oficina 1 – Mapa mental

O primeiro dia de oficinas teve por objetivo realizar uma aproximação com os estudantes e conhecer suas rotinas. Para isso, aplicou-se um questionário, buscando-se identificar as atividades realizadas fora do horário escolar e suas percepções preliminares sobre o bairro.

Outra etapa realizada nessa oficina foi o desenvolvimento de colagens e desenhos representativos das atividades urbanas dos alunos, de forma a identificar seus percursos e percepções diárias. A última atividade foi, então, a elaboração de mapas mentais, onde os alunos deveriam representar o percurso que realizam de casa para a escola, apresentando aqueles elementos que eles consideram mais relevantes, visuais, físicos, sonoros ou outros.

3.2 Oficina 2 – Mosaico subjetivo

Essa oficina, realizada em duas etapas, teve por objetivo identificar e compreender como os adolescentes caracterizam o bairro em que vivem, a partir da construção de mosaicos subjetivos. Para isso foi proposto o desenvolvimento de

uma atividade lúdica em parceria com as professoras de Artes e Informática da Escola João Bandeira, com o intuito de construir um mosaico a partir da percepção dos próprios alunos sobre mobilidade, segurança, moradia, salubridade e lazer em seus bairros.

Antes da realização da primeira etapa com os alunos, foi feito contato com a professora de Artes, para que ela pudesse solicitar que os estudantes tirassem fotos de seu bairro. No primeiro dia da oficina, realizada no laboratório de informática, conforme fotografia apresentada na figura 3, os alunos foram estimulados a completar as seguintes frases: "Para mim, meu bairro significa..."; "Quando abro a porta da minha casa, eu vejo..."; "Quando caminho pelo meu bairro, eu sinto..."; "De que mais gosto no meu bairro..."; "Costumo brincar na/no..."; "No meu bairro falta..."; "Gostaria que meu bairro tivesse...". O intuito era instigar a associação das respostas às fotos trazidas pelos alunos e às imagens pesquisadas por eles para ilustrar seus desejos para o bairro em que residem.



Fig. 3: Aluna durante a pesquisa para a realização da oficina de mosaico subjetivo. Fonte: Acervo da Pesquisa,

A segunda etapa dessa oficina teve por objetivo realizar a montagem de um mosaico a partir do material produzido na etapa anterior, em que os alunos deveriam associar imagens da Internet às palavras citadas a partir das perguntas-estímulo e às fotos que trouxeram, criando uma síntese representativa do bairro em que moram.

3.3 Oficina 3 – Mapa falante

O mapa falante é uma técnica participativa que possibilita o conhecimento da situação existente, a partir de uma representação gráfica elaborada coletivamente, sendo um instrumento utilizado para fazer um diagnóstico visual da realidade a partir de suas dimensões geográficas, humanas, sociais e institucionais. O mapa construído com base em um olhar coletivo dos próprios alunos teve por objetivo retratar a realidade socioespacial vivenciada pela comunidade.

A primeira etapa dessa oficina consistiu em uma conversa informal para que os alunos se expressassem livremente, seguida de uma atividade que consistia na identificação do bairro Gurigica, por meio do desenho de seus limites e da identificação de algumas realidades previamente identificadas nas primeiras oficinas, reunidas em símbolos posicionados pelos alunos, em um mapa projetado na parede. A proposta de realizar essa primeira atividade se deu em função da identificação, em oficinas anteriores, de uma divisão informal (do ponto de vista legal) das comunidades que formam o bairro.

Constatou-se que Gurigica é constituída por três comunidades: Floresta, Jaburu e Constantino. A maioria dos adolescentes, solicitados, nas primeiras oficinas, a se identificarem como moradores de Gurigica, permaneceram imóveis. Explicaram que todos no bairro reconhecem as comunidades citadas como residência, apesar de a divisão administrativa do município identificar apenas Gurigica como bairro. Entretanto, quando solicitados a desenhar os limites de cada comunidade, demonstraram não ter um consenso entre eles. A Figura 4 apresenta três divisões distintas apresentadas pelos adolescentes em relação às comunidades relatadas.



Fig. 4: Registro das comunidades constituintes do bairro Gurigica: Floresta, Jaburu e Constantino, na visão dos adolescentes da Pesquisa, 2016.

A segunda etapa da oficina foi destinada a um diagnóstico de compreensão da qualidade do bairro, onde foi projetada na parede uma foto aérea para que eles fixassem na imagem símbolos que foram distribuídos como "curti" ou "não

curti”, para algo que veem ou fazem no bairro; “perigo”, para os pontos em que se sentem inseguros; “desagradável” ou “agradável”, para identificação de lugares, vistas ou construções; “pontos de encontro” para amigos e paqueras, “casas” e “estabelecimentos” que frequentam no bairro, como ilustrado na Figura 5.



Fig. 5: Mapa falante com os símbolos identificados pelos adolescentes. Fonte: Acervo da Pesquisa, 2016

Após essa etapa, foi realizada uma última atividade, que consistiu em um mosaico conceitual, onde duas folhas brancas foram dispostas em duas mesas separadas. Em uma, os adolescentes deveriam expressar de forma gráfica a frase iniciada por “Meu bairro hoje... como ele é”. Para isso foram disponibilizadas perguntas-estímulo como “O que vejo quando saio de casa?”; “O que sinto quando caminho pelo meu bairro?”; “Como são as ruas e calçadas do meu bairro?”; “De que mais gosto no meu bairro?”; “Costumo passar minhas horas livres... (onde? fazendo o quê? com quem?)”; “No meu bairro falta...?”.

A outra folha foi destinada aos pensamentos futuros que os alunos têm sobre o bairro. Nela descreveram sobre “Meu bairro amanhã... como eu gostaria que fosse”, acompanhado das seguintes perguntas-estímulo: “O que eu gostaria de ver ao sair de casa?”; “O que gostaria de sentir ao caminhar pelo bairro?”; “Como gostaria que fossem as ruas e calçadas de meu bairro?”; “O que gostaria que houvesse em meu bairro?”. A Figura 6 apresenta o desenvolvimento das atividades.

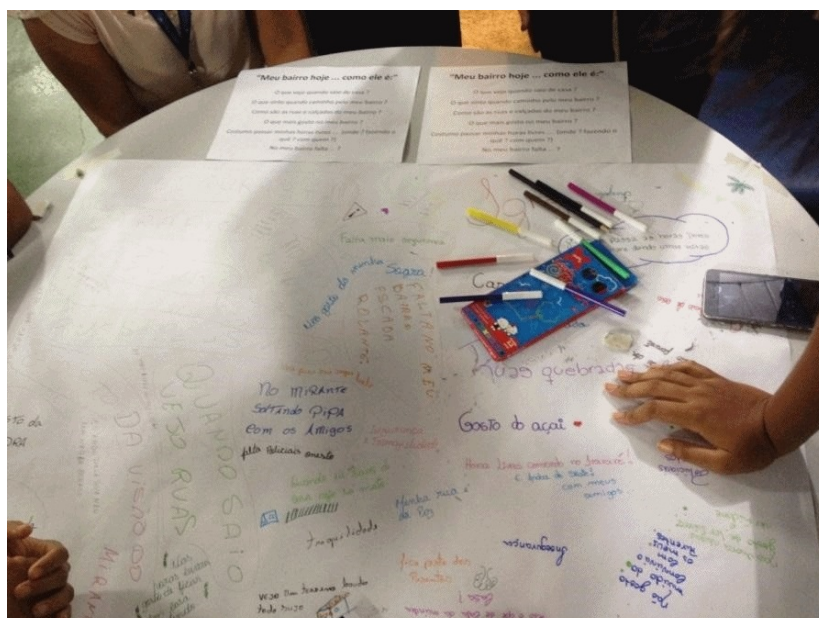


Fig. 6: Elaboração do Mosaico Conceitual pelos adolescentes durante a oficina. Fonte: Acervo da Pesquisa, 2016

4 Impressões sobre o cotidiano no morro capixaba na percepção dos adolescentes

As constatações feitas durante a visita dos pesquisadores à área de estudos sobre as condições físicas e sensações de insegurança e vulnerabilidade revelaram-se também presentes na percepção dos adolescentes. Essa percepção ocorreu durante as oficinas realizadas entre 2015 e 2016 na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Bandeira, situada no bairro Consolação e na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Des. Carlos Xavier Paes Barreto, localizada no bairro Praia do Suá. Esses bairros fazem limite com o bairro Gurigica.

Durante as atividades, foi relatado um medo diferente daquele vivenciado pelos pesquisadores durante a visita de campo. Não se tratava mais do desconhecido e da violência destacada pela mídia, mas de um medo vivenciado pelos adolescentes e representado pelo caos que se instala na comunidade, quando a polícia chega, ou quando existem guerras internas entre os "donos" dos morros das comunidades vizinhas. Também foram destacadas algumas fragilidades locais, como a ausência de áreas de lazer, além dos problemas advindos dos dias em que chove e daqueles relacionados às drogas.

Não obstante a realidade descrita, os adolescentes foram unânimes em afirmar que gostam de morar no bairro. "É o melhor bairro para morar", declaram. Quando perguntamos o motivo, eles respondem que é o bairro em que cresceram, possuem familiares que também moram ali e ainda há uma vista maravilhosa do entorno, o que demonstra um forte sentimento de pertencimento. Entretanto, ao serem indagados sobre relações de vizinhança, todos os adolescentes participantes da oficina "mapa falante" foram unânimes em dizer que não possuem. Esse relato resulta de uma imposição informal existente em Gurigica, que estabelece limites nas relações entre as comunidades do próprio bairro. Disseram que existe uma rivalidade segundo a qual não se pode sair de uma comunidade para outra, por causa dos conflitos locais. Essa situação, segundo eles, atrapalha, por exemplo, a integração de colegas que estudam na mesma escola e poderiam desenvolver as atividades escolares em grupo, mas não podem nem fazer um trabalho juntos:

A gente não pode visitar o bairro vizinho, posso ir a São Benedito e Jesus de Nazareth, Jaburu não, nem Bairro da Penha, e quem mora lá não pode visitar aqui, ficamos com medo de ir por causa da rivalidade deles, de olhar eles e acontecer alguma coisa com a gente... e isso incomoda... temos amigos de outros bairros, mas não podemos ir ao bairro deles... seria bom se pudesse falar um com o outro... nunca subi São Benedito... ainda mais eu que sou "milico" hoje em dia. (informação verbal)

Acrescentaram ainda que existe uma correlação entre as comunidades a partir de uma hierarquia local imposta pelos "donos das bocas" que dominam o tráfico na região. A realidade das drogas, que causa medo aos "estrangeiros" que visitam o bairro pela primeira vez, faz parte do cotidiano desses adolescentes. Todos afirmam terem medo e deixam de frequentar as poucas áreas livres do bairro, não pelo medo dos "donos das bocas", mas pelo medo de serem apanhados no meio de uma disputa de poderes por pontos do tráfico ou de serem vítimas de balas perdidas dos policiais quando fazem "batidas" no local. Essa realidade evidencia a vulnerabilidade social desses adolescentes que, segundo eles mesmos, foi transformada ao longo dos anos. Em depoimentos, narraram que o bairro havia mudado, e que quando crianças ainda podiam permanecer por mais tempo na rua:

[...] antes tinha oportunidade de ficar até meia-noite brincando na rua, hoje não dá mais [...] antigamente não tinha tanta rivalidade de um ficar querendo pegar a boca do outro, eles também não andavam muito armado, os policiais também não chegavam atirando, então a gente tinha, tipo assim, uma liberdade. Hoje em dia já não é assim, não dá para ficar na rua, temos que ficar dentro de casa. (informação verbal)

Registra-se, todavia, que existe uma confiança mútua que interpretamos como política interna do morro, onde a ordem imposta, quando respeitada gera uma situação de conhecimento e domínio de todos os moradores. Essa situação passa a ser ameaçada nos conflitos internos e quando a polícia está presente. Nos depoimentos, os adolescentes comentaram como é o cotidiano deles diante deste cenário:

Minha vida é não sair de casa, tenho 17 anos, porque minha avó não gosta, por conta desta situação não utilizamos a pracinha do morro nem a pracinha do mirante, acabamos utilizando a pracinha do bairro Bento Ferreira [...]. Ontem os policiais apareceram e atiraram para cima para espantar e se tivesse alguém lá passando perto dos meninos que ficam vendendo na boca do morro, poderia ter sido atingido sem ter culpa. Perigoso de acertar alguma coisa nelas... (informação verbal)

A fala recorrente da maioria dos adolescentes participantes das oficinas é que faltam espaços de convivência. Afirmam ainda que os equipamentos em benefício da comunidade tendem a ser depredados pelos "bandidos", o que estimula o uso de espaços públicos dos bairros formais adjacentes. Esse fato enfatiza o problema que as disputas internas geram no desenvolvimento social coletivo de integração entre os moradores das diferentes comunidades do bairro.

Durante a atividade de identificação de pontos de destaque no mapa, todos foram unânimes ao se referirem à situação do tráfico de drogas, do "cheiro de maconha" e das escadarias, como barreiras. Realidades citadas como indicativos de desconforto para o acesso e circulação segura entre as diferentes áreas do bairro, identificadas como "não curto", em vários pontos do mapa. As escadarias também estavam presentes nos mapas mentais e desenhos realizados pelos alunos, conforme ilustrações da Figura 7.



Fig. 7: Registro fotográfico e mapa mental elaborado por um adolescente da escadaria existente na comunidade. Fonte: A 2016.

Ao mesmo tempo, apresentaram-se unânimes e orgulhosos, ao se referirem ao mirante e às vistas do entorno, no item "eu curto", retratada na pintura colorida, alegre e dinâmica da Figura 8, em comparação com a cidade formal monótona, destacada no desenho pelos edifícios e pela avenida preta e também através da foto capturada pelo olhar de um dos adolescentes e retratada na Figura 9.



Fig. 8: Pintura elaborada por um adolescente durante a oficina representa o contraste entre cidade formal e informal. F Pesquisa, 2016.



Fig. 9: Registro fotográfico feito por um aluno da sétima série mostra a visão do entorno a partir do bairro Gurigica. Fc Pesquisa, 2016.

Alguns, todavia, apontaram restrições e opiniões contrastantes por causa da incerteza do que pode acontecer quando os "donos das bocas" entram em conflito. Para eles, o bairro é uma mistura de sentimentos que traduzem a confiança e o medo que sentem:

Minha comunidade é tudo! Agradável porque é ali que todo mundo cuida do outro, a parceria é forte, tem muita fofoca, gente falsa, qualquer coisa que acontece é tiro para todo lado, é onde está nossa família, nasci lá, meus parentes moram lá, tem o mirante... (informação verbal)

Essa situação compromete a possibilidade de relações de vizinhança. A desestruturação de tradicionais laços de humanidade e solidariedade, mesmo nos bairros com predominantes raízes comunitárias, leva ao enfraquecimento da sociedade em geral.

Em função da realidade de vulnerabilidade do local, identificada pelos pesquisadores através de visitas de campo e confirmada pelos adolescentes a partir das oficinas, faz-se necessário apontar um limite existente na busca de conhecimento dentro dessas comunidades, visto que a inserção de uma equipe para incentivar a prática participativa não é bem vista pelos "donos do morro", fator que levou o grupo a desenvolver a pesquisa em território neutro, onde foi possível a participação de moradores das diferentes comunidades de Gurigica, fato que não seria possível caso a oficina acontecesse dentro dos limites físicos do bairro.

5 Considerações finais

Diante de todas as dificuldades apresentadas no decorrer das oficinas, como o relacionamento entre colegas do próprio bairro, e apesar do medo de se ser observado pelos traficantes ao retornar da escola e ao visitar algum colega em outra comunidade, percebe-se que os adolescentes gostam muito do bairro onde nasceram e vivem. A alegria que eles sentem, ao falar sobre o bairro onde nasceram e da vista que o mirante proporciona, reforça o sentimento de carinho pelo morro. Eles se reinventam a cada dia, buscam novas alternativas de encontros e relacionamentos fora do bairro para manter laços de amizades. Esses novos laços de afetos contribuem para que vivenciem e repensem a violência como algo que os adolescentes não querem para suas rotinas.

Em tempos em que a busca por segurança se faz constante, o contraste entre cidade formal e a cidade informal reflete, ainda, uma realidade que, ao mesmo tempo em que se enfatiza um discurso de inserção social dos menos favorecidos em atividades das classes dominantes, se excluem os adolescentes, moradores de áreas informais, na medida em que escolhem a porção de terra que vão habitar e, conseqüentemente tornam os aglomerados um subproduto dessa escolha.

A referida situação é identificada na morfologia das cidades formais, onde as construções se voltam contra as áreas informais. Estas se desenvolvem 'dando as costas' a uma porção existente na cidade, pela quantidade de empenas situadas nos limites entre a área formal e a informal, e pela exclusão, mesmo que involuntária, que se reflete no medo dessa proximidade. Isso ocorre nos encontros da cidade, dentro dos carros ou no atravessar de uma rua ou a não ida a um local público, caso seja identificada a presença desses adolescentes.

Fato é que a estigmatização desses adolescentes já se caracteriza por um processo de exclusão, reforçado pelo ambiente em que vivem. Por isso, além de serem excluídos através da segregação territorial, são também ignorados por serem considerados pessoas que não pertencem socialmente ao lugar. Paradoxalmente, a oficina aponta um sentimento de privilégio por parte dos adolescentes em morar na comunidade e desfrutar de elementos próprios, como o mirante, que garante uma vista única para o entorno. Apontam, ainda, a dualidade entre cidade monótona (formal) e a cidade alegre e dinâmica (informal).

Por isso, o processo de construção do conhecimento coletivo, através da participação e colaboração dos adolescentes com a oficina, contribuiu para o entendimento da realidade de áreas socialmente vulneráveis do ponto de vista dos moradores, que entendem a dinâmica das cidades de forma diferente da de quem habita as áreas formais e tende a rejeitar a existência dessas comunidades, ao contrário do que aponta a fala dos adolescentes, que, contrariamente, se apropriam de espaços situados nas áreas formais, principalmente as públicas destinadas ao lazer.

Os depoimentos refletem uma conformidade com o que é indiferente a eles e um apreço pela comunidade que os acolhe e que eles chamam de lar. Compreender como esses adolescentes definem o lugar em que vivem pode ser útil na definição de novas políticas de segurança pública para que em consonância com as diretrizes urbanísticas, eles possam efetivamente cumprir seu papel de inclusão social estabelecido no Estatuto das Cidades.

Devemos, ainda, alertar para uma preocupação da equipe de pesquisa quanto à iminente situação de exaurimento dos recursos da terra para a apropriação dos setores do mercado imobiliário da capital. O município se aproxima do limite de oferta de terrenos nas chamadas "áreas nobres" da cidade. E quando descobrirem que a vista do morro pode ser mais atraente que a da orla, já adensada? Serão os morros capixabas o foco de novos processos de gentrificação, responsáveis por expulsar os bolsões menos privilegiados e frágeis da população? Bauman (2009) afirma que viver numa cidade significa viver junto; portanto torna-se fundamental revigorar o sentimento de pertencimento, de ter raízes e identidade. O grande desafio dos pensadores e políticos contemporâneos seria o de recuperar a dimensão comunitária do espaço público, como forma de aprender a arte de uma coexistência segura, pacífica, amigável e inclusiva.

Referências

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; PINHEIRO, L. C.; LIMA, F. S.; MARTINELLI, C. C. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRASIL. Lei 10.257, de 10 de julho de 2001. **Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2001.

BRASIL. Lei 12.852, de 05 de agosto de 2013. **Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE**. Brasília: Ministério da Justiça, 2013.

CHIMIN JUNIOR, A. B. **Espaço, vulnerabilidade e masculinidade de adolescentes em conflito com a lei em Ponta Grossa**. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território: Sociedade e Natureza) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009.

FERRAÇO, C. E. **Ensaio de uma metodologia efêmera**: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, I.B.; ALVES, N. (Org.). Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 91-108.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2010. In: IBGE. **Coordenação de População e Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro, 2010.

LIRA, P. S. ; LYRA, A. P. R.; GUADALUPE, T. C. Organização social do território e criminalidade violenta: Análise espacial dos crimes e da tipologia socioespacial da Região Metropolitana da Grande Vitória - RMGV. In: LIRA, P.; OLIVEIRA JÚNIOR, A. P.; MONTEIRO, L. L. (Org.). **Vitória: transformações na ordem urbana: metrópoles: território, coesão social e governança democrática**. 1a ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

UNICEF. **Situação Mundial da Infância**. Adolescência: uma fase de oportunidades. Brasília: UNICEF, 2011. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sowcr11web.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2016.

VIEGAS-PEREIRA, A. P. F. AIDS? Tô fora. Um estudo com adolescentes em duas escolas de Belo Horizonte sobre os fatores que determinam o uso de preservativo na era da Aids. In: ENCONTRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP, 12., 2000, Caxambu. **Anais...** Caxambu: [s.n.], 2000. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Poster/AIDS%20T%C3%B4%20fora%20-%20Um%20Estudo%20com%20Adolescentes.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2016.